

ARTIGOS

Roberta Tavares de Albuquerque

Menezes^I

George Leonardo Seabra Coelho^{II}

Regina Célia Padovan^{III}

A educação quilombola e a Dança da Suça no município Chapada da Natividade-TO

Quilombola education and the Suça Dance in the municipality of Chapada da Natividade-TO



RESUMO:

A Dança da Suça é uma manifestação cultural tradicional presente nas regiões dos estados de Goiás e Tocantins, sobretudo, nas comunidades quilombolas e tradicionais localizadas nas cidades de Natividade, Chapada da Natividade, Santa Rosa, Monte do Carmo, Almas e Dianópolis. Neste artigo enfatizamos a prática da suça no quilombo Chapada da Natividade, por representar uma região que, por dezessete anos, vivenciamos a docência e as tradições culturais presentes. O objetivo deste trabalho é evidenciar a relação entre a Dança da Suça e a Educação Quilombola, com ênfase nas leituras realizadas sobre memória e prática cultural. Começamos discutindo a contribuição da educação e seus fundamentos para o desenvolvimento humano e o vínculo com a Dança da Suça, a partir das interfaces com os estudos sobre a memória coletiva e a prática cultural, buscando os fundamentos em Maurice Halbwachs (1990) e outras leituras como elementos importantes sobre o estudo de comunidade quilombola e a preservação da memória. Por fim, examinamos as perspectivas da educação patrimonial com ênfase na Educação Histórica como subsídio na compreensão sobre a identidade e o desenvolvimento escolar e da comunidade, além das influências culturais que marcam suas memórias.


Palavras-chave: Educação histórica; Educação patrimonial; Memória; Identidade cultural


ABSTRACT:

The Suça Dance is a traditional cultural manifestation present in the regions of the states of Goiás and Tocantins, especially in the quilombo and traditional communities located in the cities of Natividade, Chapada da Natividade, Santa Rosa, Monte do Carmo, Almas and Dianópolis in Tocantins. In this article, we emphasize the practice of suça in the Chapada da Natividade quilombo, as it represents a region where we have experienced teaching and the cultural traditions present for seventeen years. The aim of this work is to highlight the relationship between the Suça Dance and Quilombola Education, with an emphasis on reading about memory and cultural practice. We began by discussing the contribution of education and its foundations to human development and the link with Dança da Suça, from the interfaces with studies on collective memory and cultural practice, seeking the foundations in Maurice Halbwachs (1990) and other readings, as important elements in the study of quilombola communities and the preservation of memory. Finally, the perspectives of heritage education were examined, with an emphasis on History Education, as an aid to understanding the identity and development of the school and the community, as well as the cultural influences that mark their memories.

Keywords: History education; Heritage education; Memory; Cultural identity

^I Mestranda, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, Brasil.
roberta.albuquerque@uft.edu.br,  <https://orcid.org/0009-0008-0023-7282>

^{II} Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás; Professor, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, Brasil.
george.coelho@hotmail.com,  <https://orcid.org/0000-0002-3166-4008>

^{III} Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás; Professora, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, Brasil.
reginapadovan@mail.uft.edu.br,  <https://orcid.org/0000-0001-6779-5037>

INTRODUÇÃO

A Dança da Suça¹ é uma dança afro-brasileira tradicional do estado do Tocantins. Essa expressão cultural está presente em comunidades quilombolas e em cidades mais antigas, como por exemplo, nas cidades de Natividade, Chapada da Natividade, Santa Rosa, Paranã, Almas, Dianópolis e Arraias. Essa prática cultural tem uma forte relação com a religiosidade, em particular com o festejo do Divino Espírito Santo, em que no pouso das folias – após as rezas cantadas pelos foliões – acontece o batuque da suça. Rosa (2015) relata que uma semelhança entre os batuques brasileiros e a cultura da suça é a presença na religiosidade católica popular nas celebrações. Nos batuques há uma conexão direta com os santos católicos e as religiões afro-brasileiras, que pode ser denominado como sincretismo religioso (Rosa, 2015).

Expostas essas questões iniciais, o presente artigo apresenta alguns apontamentos da relação entre a Dança da Suça e a Educação Quilombola². Para o desenvolvimento de nossa argumentação, abordamos as contribuições da Educação Quilombola e seus fundamentos na formação humana e as possíveis interações com a prática da suça. Na sequência, exploramos os pressupostos de Maurice Halbwachs (1990), Michel Pollak (1992) e Beatriz Sarlo (2007) sobre a memória coletiva e a memória individual e, por fim, a Educação Histórica e

Patrimonial. O objetivo principal é apresentar as possibilidades sobre o Ensino de História voltado aos estudos do patrimônio cultural das comunidades quilombolas e, assim, fortalecer a identidade quilombola e o respeito às influências culturais afro-brasileiras.

SUÇA: ENTRE O DIVINO E O PROFANO

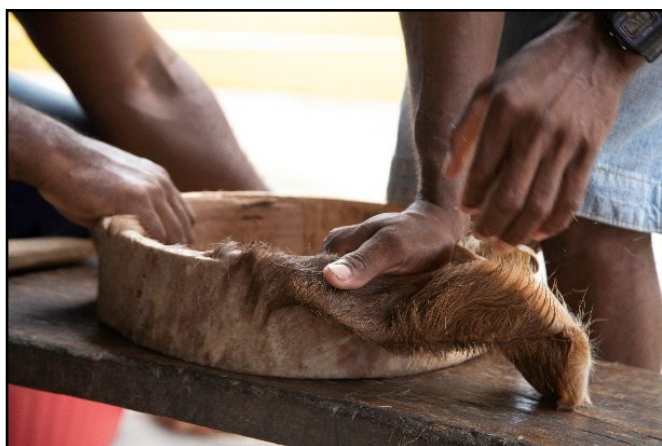
Os festejos realizados em comunidades quilombolas são comumente identificados como festas sincréticas como, por exemplo, o Reinado³ que materializa os elementos da matriz africana com elementos do catolicismo (Dias; Ferreira; Freitas, 2021). Em seus estudos, os autores mencionam que as principais narrativas sobre a origem da festa do Reinado estão relacionadas ao período escravocrata no país, o que leva a entender que, mesmo na condição de escravizados, homens e mulheres negros conseguiram preservar parte de sua cultura. Ainda, segundo os autores, é fundamental compreender o sincretismo em sua dimensão cultural, ou seja, os diversos fluxos, multifacetados e fragmentados, que aceitam irregularidades e conflitos.

Mais de cem anos após o fim da institucionalização da escravização no Brasil, destacamos que a Dança da Suça tem uma relação forte com a religiosidade sincrética e a cultura da comunidade

do quilombo de Chapada da Natividade-TO. Essa prática cultural segue resistindo graças à permanência dos saberes pelos mais velhos que se esforçam para transmitir suas experiências às novas gerações. E, como expõe Santos (2022, p. 134), a Dança da Suça é “praticada na região e a comunidade vem envidando esforços para não deixar a tradição morrer, visto que as gerações mais velhas é que dançavam”. É a partir da interação social que esse conhecimento e essas experiências são transmitidos por meio das gerações, onde são ensinados os cantos, as danças e o tocar dos instrumentos, entre eles, a viola, o pandeiro, a caixa e os tambores. Os tambores ressoam pelos corpos, que dançam em resposta, criando um desempenho que evoca a presença dos ancestrais e que envolve tradição e memória (Rosa, 2015).

Vemos, a seguir, imagens sobre os instrumentos produzidos pela comunidade quilombola de Chapada de Natividade-TO:

Figura 1 – Produção artesanal do pandeiro



Fonte: Grupo Cultural Suça das Dianas (2024)

Figura 2 – Seu Floriano (Filó), tocando a caixa



Fonte: Grupo Cultural Suça das Dianas (2024)

Figura 3 – Os tambores, um pandeiro e chapéus



Fonte: Grupo Cultural Suça das Dianas (2024)

Esses instrumentos utilizados na Dança da Suça são produzidos artesanalmente pelos próprios brincantes de suça da comunidade de Chapada da Natividade, como se observa na Figura 1. Os materiais utilizados na confecção dos seguintes instrumentos são: o Pandeiro: feito com o coro de bode ou de vaca, a madeira, taxas e moedas; a Caixa: produzida com madeira, coro de bode ou de vaca, cordas e corda grossa de viola ou nylon; o

Tambor: utiliza-se madeira ou barro, coro de bode ou de vaca.

Andes (2008, p. 25) comenta que “na festa do Divino Espírito Santo, a suça aparece acompanhada por violas, violões, ganzás, reco-reco, e vários tipos de pandeiros”. Também, o pesquisador Araújo (2013) apresenta os instrumentos utilizados na Dança da Suça em outras cidades do Tocantins:

Na folia do Divino Espírito Santo, em Monte do Carmo, a sússia é dançada ao som da viola, do pandeiro e do roncador. Em Paranã, ela se manifesta nos batuques do tambor, da caixa e do pandeiro. Também é dançada ao som do tambor de barro (fuxico e caxambu) em outras manifestações tradicionais, como na festa de Nossa Senhora do Rosário, em Natividade (Araújo, 2013, p. 42).

A pesquisadora Baiocchi (1999) relata sobre os instrumentos que são tocados na Dança da Suça. A autora descreve que a suça “irrompe ao toque das caixas que arrefecem qualquer prosear [...] No ritmo alucinante do batuque as mulheres rodopiam, os pés mal tocando no chão” (Baiocchi, p. 54). Tal ritmo vertiginoso de batuque, de mulher girando, de pés que mal afastam do chão, meninas que giram e dançam freneticamente ao ritmo intenso e frenético dos instrumentos, sugere uma energia vibrante e dança extática. Assim, a suça explode ao som das caixas que esfria qualquer conversa e sinaliza para um ambiente tranquilo ou

sereno que é interrompido pela percussão das caixas. Assim, a palavra “suça” sugere um ambiente calmo e descontraído, mas que é quebrado pela presença das caixas.

Além de pesquisas, não podemos negar que o conhecimento desses saberes da Dança da Suça realiza-se pelas lembranças e vivências com seus familiares. Há, entre os brincantes⁴ de suça – em especial nos mais velhos – a ideia de que essa expressão popular surgiu com seus ancestrais. Quando as pessoas que praticam a Dança da Suça afirmam que essa expressão popular surgiu com seus ancestrais, elas estão baseando sua percepção em uma interpretação prévia, que pode estar incompleta. Assim, a ancestralidade⁵ se faz presente nas lembranças dos praticantes da Dança da Suça, onde acontece o repasse de saberes aos mais novos.

A Dança da Suça, como muitas outras expressões artísticas populares, contém características e elementos que foram transmitidos de geração em geração ao longo da diáspora africana. Contudo, nem sempre é documentada com precisão ao longo do tempo. Informações sobre a origem e o desenvolvimento da Dança da Suça podem ter se perdido ou mudado ao longo do tempo devido a alguns fatores, como informações orais e falta de registros históricos detalhados. No entanto, quando reconhecemos as interferências africanas na Dança da Suça, percebemos que é uma ex-

pressão cultural dinâmica e em constante evolução. Assim, a ligação às raízes africanas confere a esta prática um rico significado e diversos laços identitários nessa comunidade Quilombola.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS DE LEITURA

Para os praticantes mais velhos da Dança da Suça não há uma percepção clara de que a dança seja de matriz africana. A dificuldade de acesso a uma educação formal de qualidade que socialize o conhecimento das origens históricas e culturais da dança podem explicar tal percepção, tanto por parte dos que praticam quanto da sua disseminação na sociedade. É importante ressaltar que a história da escravidão e a luta contra o racismo sistêmico são questões delicadas e dolorosas para muitos negros, assim, alguns podem não querer lembrar ou discutir abertamente eventos históricos traumáticos. De todo modo, a não percepção das origens africanas pode ser decorrente do fato de não terem acesso à escola ou pelo silenciamento das memórias, uma vez que o povo negro sofre com o racismo estrutural e a marginalização das suas práticas culturais.

O racismo estrutural persiste na sociedade atual, e as comunidades negras enfrentam desigualdade e discriminação em muitas áreas da vida. Essa realidade pode afetar a forma como as pesso-

as mais velhas se relacionam com sua própria história e cultura. É importante abordar essas questões com muito cuidado, assim como reconhecer os efeitos históricos e contemporâneos do racismo na busca pela promoção da valorização respeitosa da cultura dos povos afros. O objetivo é não só adquirir e partilhar conhecimentos sobre a Dança da Suça, mas criar um espaço de diálogo e inclusão que permita a preservação e celebração de tradições culturais concomitantemente à luta contra a injustiça social.

Podemos dialogar com o francês Morin (2000) para entendermos a essência do conhecimento que fortaleça essa luta. Para o filósofo, um conhecimento humanizado é reconstruído a partir da capacidade de distinguir – por meio da consciência – aquilo que traz satisfação ou não aos sujeitos. Nesse sentido, o “conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo”, pois “as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos” (Morin, 2000, p. 20). Trazendo essa premissa para nosso estudo, entendemos que os sujeitos – em especial os mais idosos que praticam a Dança da Suça – têm consciência que essa manifestação popular veio dos seus antepassados. Todavia, não tem uma compreensão clara de que é uma dança africana. Tal constatação feita por meio de depoimentos orais dialoga com os pressupostos de Mo-

rin (2000), uma vez que ilustra que o conhecimento pode ser reconstruído a partir de evidências e crenças pré-existentes, independentemente do fato de não corresponderem à realidade objetiva.

Nas reflexões de Morin (2000), o conhecimento não é uma simples cópia ou reflexo do mundo externo. Trata-se de uma construção mental produzida pelos indivíduos a partir de impulsos e manifestações percebidos pela consciência. Portanto, os costumes são traduções e reconstruções sonoras que foram interpretadas e possuem características subjetivas. Para o autor, a Educação tem um papel fundamental em levar o conhecimento com clareza, ou seja, ter a capacidade de ver claramente, entender profundamente e ter uma perspectiva global sobre questões sociais, políticas e/ou culturais. Nesse sentido, a ensino desempenha um papel crucial na transmissão de ideias para superar a superficialidade e a fragmentação, permitindo uma compreensão mais profunda e ampla do mundo. A instrução escolar ajuda a ampliar o entendimento dos sujeitos e desenvolver uma consciência crítica em relação à percepção, levando-os a uma erudição mais profunda e integrada das culturas e tradições.

Com base nessa premissa, defendemos que a Educação Quilombola trabalhe com as tradições, os saberes e a cultura das comunidades. É importante, inclusive, ter cuidado para não “romantizar” a realidade dos fatos e proporcionar

a manutenção das tradições, entre elas, a Dança da Suça. Entendemos que, por meio da Educação, os indivíduos têm oportunidade de adquirir aprendizados em diversas áreas do conhecimento, bem como, desenvolver aptidões de pensamento crítico, analítico e reflexivo, em outras palavras, a Educação crítica pode promover uma compreensão mais completa dos fenômenos, eventos e desafios que enfrentamos em nosso mundo complexo. Permite, inclusive, que as pessoas questionem informações, identifiquem vieses e analisem diferentes cenários, superando visões simples e estereotipadas. A escola, segundo Morin (2000), tem papel fundamental na oferta de conhecimentos que vão além do mero acúmulo de fatos e informações. A escola tem a possibilidade de oferecer uma visão clara e perspicaz do mundo e, ainda, capacitar as pessoas para compreender, interpretar e agir de forma responsável perante os desafios da sociedade atual.

É fato que o conhecimento contribui para refrear, por exemplo, o racismo estrutural que é uma mazela que corrói nossa sociedade, atingindo fortemente os afro-brasileiros. O filósofo Sílvio Almeida (2019, p. 50) entende que o racismo não é uma patologia social nem um desarranjo institucional, mas uma consequência “naturalizada” pela estrutura social que inclui as relações políticas, emocionais, jurídicas e familiares. Entendemos que, por meio da Educação, é possível conscienti-

zar as pessoas sobre a história do racismo e suas consequências, bem como promover a valorização da diversidade e o respeito às diferenças. Dessa forma, a Educação Quilombola pode contribuir para uma sociedade mais inclusiva e justa, em que as diferentes práticas culturais sejam respeitadas e valorizadas.

Com base nas considerações de Severino (2006), a Educação é um processo muito mais amplo do que a simples transmissão de conhecimentos e habilidades em uma sala de aula. Nesse sentido, representa um investimento formativo na formação do ser humano, seja por meio das relações pessoais entre aluno e professor ou no âmbito mais amplo da relação social coletiva.

A formação não é apenas uma questão de instrução formal, mas de valores, crenças e atitudes que moldam a personalidade e o caráter de um indivíduo. Por essa razão, não deve ser vista apenas como um processo institucional, que se limita ao ambiente escolar. Ela deve ser compreendida como uma responsabilidade compartilhada por toda sociedade, incluindo as famílias, as comunidades, as instituições governamentais e não-governamentais e, concomitantemente, todos os indivíduos. Além disso, constitui uma área essencial para a ampliação da habilidade de analisar e avaliar de forma objetiva as informações, ideias, crenças e valores que nos são apresentados, permitindo que os indivíduos tenham um entendi-

mento mais profundo e constituído das culturas e tradições que compõem a sociedade. Essa concepção de Educação contribui para a formação de pessoas mais tolerantes, respeitosas e capazes de conviver harmoniosamente com as diferenças culturais e sociais.

Por meio da Educação humanizada é possível ajudar as pessoas a aceitarem suas restrições e preconceitos, buscando um conhecimento mais abrangente sobre o mundo. Isso ocorre por meio da promoção da reflexão e do diálogo crítico, que levam os indivíduos a questionarem suas próprias ideias e concepções pré-concebidas. A Educação também tem o papel de desenvolver habilidades e competências para a vida em sociedade, tais como a capacidade de comunicação, resolução de problemas e trabalho em equipe. Assim, pode-se afirmar que o saber desempenha um papel fundamental na formação crítica e consciente das pessoas, promovendo a busca por um conhecimento mais abrangente e preciso sobre o mundo e confiante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao entendermos que a Educação é um dos principais pilares para o desenvolvimento humano, o relatório Delors (2003) chama a atenção para uma nova concepção ampliada de escolaridade. De acordo com o referido relatório, a ampliação da escolarização deveria ser integrada para que todos possam descobrir, reavivar e fortalecer seus po-

tenciais de criatividade, desvendando, assim, o tesouro escondido em cada um. O relatório também diz que a formação cultural – cimento das sociedades no tempo e no espaço – implica a abertura a outros campos do conhecimento e, deste modo, podem operar-se fecundas sinergias entre as disciplinas.

Partindo desses pressupostos, entendemos que a integração das tradições quilombola na Educação fortalece e potencializa as habilidades e competências, revelando a criatividade dos indivíduos. No contexto da dança tradicional – como a Dança da Suça no quilombo de Chapada da Natividade em Tocantins – aprender a conhecer⁶ pode ser aplicado de várias maneiras. Primeiro, os praticantes da dança devem aprender sobre a História e a cultura que fundamentam a dança tradicional, incluindo suas origens, significado e papel dentro da comunidade. Além disso, aprender a conhecer também poderá envolver o aprendizado das competências necessárias para executar a Dança da Suça com precisão e graça, como movimento de pés, giros e passos específicos. Isso pode ser alcançado por meio da observação e da prática, assim como da busca por informações e conhecimentos adicionais sobre a dança entre os mais velhos.

Ao defendermos que a dança tradicional é uma forma de expressão cultural que permite a comunicação de ideias, sentimentos e emoções de uma forma não verbal, compreendemos que

aprender a Dança da Suça envolve não apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas a capacidade de entender e comunicar a essência e o significado da dança por meio de seus movimentos e gestos. Isso requer um conhecimento profundo da cultura e da história por trás da dança, bem como uma capacidade de se conectar com a comunidade que a mantém viva.

Outro apontamento importante do referido relatório Delors (2003) é a necessidade de desenvolver a empatia no ambiente escolar. A empatia, segundo o documento, torna-se útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida e ensina, por exemplo, a adoção da perspectiva de outros grupos étnicos ou religiosos para combater a disseminação do ódio e violência. Ao defendermos que a preservação da Dança da Suça envolve o reconhecimento e respeito à cultura e à história dos sujeitos envolvidos, não há como negar que a empatia é fundamental para reconhecer a importância da Dança da Suça para a identidade e cultura das comunidades quilombolas tocantinenses.

De acordo com Gradisk (2010), o conhecimento científico, muitas vezes utilizado para atender aos interesses daqueles que detêm o poder, também pode promover a emancipação humana. Pode-se dizer que é recorrente que a sociedade seja levada a acreditar que as descobertas científicas são recompensadoras para o bem comum, mas na verdade, a base da dominação é manter as coi-

sas como estão, tanto no nível pessoal, quanto no nível da natureza e do social. Ao fazer referência a Adorno, Gradisk (2010) pontua que muitos perderam a capacidade crítica e o discernimento para enxergar a realidade de forma clara. Para o autor, a sociedade moderna criou uma imagem ilusória do ser humano como autônomo e ativo nos meios sociais. Tal comportamento se tornou perigoso porque permite que a sociedade continue a reproduzir e a justificar as desigualdades e opressões, em vez de trabalhar para mudá-las. Nesse aspecto, Gradisk (2010, p. 114) expõe a crítica de Adorno:

Todo o saber e as formas de expressão humana não devem estar inseridos na lógica do pragmatismo, da racionalidade técnica produtiva, instrumental e utilitária. A formação da consciência é o elemento chave de crítica e de possibilidade real de progresso para que o sujeito possa emancipar-se, sem regredir ao mito e não decair sob o poder da ideologia dominante das massas.

Segundo Zambel e Lastória (2016), a Educação – para Adorno – tem um caráter político inerente, e os espaços educacionais – como as escolas – não devem se limitar as suas supostas verdades, mas permitir e incentivar o debate crítico sobre a situação vigente. Para isso, é necessário que esses espaços sejam capazes de se autoavaliar e submeter-se à própria crítica, de forma a restringir as possibilidades de que atos bárbaros venham a

acontecer. Quando a escola é capaz de refletir sobre sua própria prática educativa, ela se torna mais consciente e crítica em relação ao mundo ao seu redor (Zambel; Lastória, 2016).

Como argumentam os autores, por meio das reflexões de Adorno, somente uma educação voltada para emancipação será capaz de desenvolver a autonomia dos alunos. A crítica de Adorno serve como referência para defendermos a preservação da cultura e das formas de expressão dos grupos sociais. A Dança da Suça, por exemplo, é uma manifestação cultural que faz parte da identidade do povo negro e que deve ser valorizada e respeitada em sua forma autônoma, sem ser reduzida a simples atração turística ou comercial, e até exótica.

Corroborando com tais perspectivas, o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas tem a capacidade de desenvolver a empatia e respeito a diversidade cultural, especialmente com a aplicação da Lei 10639/2003. Ao conhecer e compreender as tradições culturais de diferentes grupos étnicos, incluindo a Dança da Suça, os jovens podem evitar incompreensões geradoras de ódio e violência. Dessa forma, o Ensino da História, da cultura afro-brasileira e da Cultura Quilombola pode servir como uma referência necessária para comportamentos futuros, assim como para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos com a diversidade cultural. É essencial que as tra-

dições da comunidade quilombola de Chapada da Natividade-TO estejam presentes na escola e que sejam incluídas no currículo escolar, a fim de promover a empatia e respeito a diversidade cultural, formando cidadãos críticos e conscientes.

A Educação Quilombola, por sua vez, pode contribuir para a valorização das manifestações culturais e na História das comunidades quilombolas brasileiras, pois tem a possibilidade de promover uma formação crítica e emancipatória que permite aos indivíduos se reconhecerem como sujeitos históricos e sociais, capazes de lutar contra a opressão e a dominação. E, em relação à Dança da Suça e a Educação Quilombola, a emancipação e a autonomia são aspectos fundamentais para afastar a Dança da Suça dos ataques preconceituosos. Uma educação reflexiva – em que professores e alunos são os verdadeiros protagonistas – poderá contribuir para a preservação dessa manifestação cultural, bem como desenvolver a capacidade dos indivíduos se colocarem de forma convicta diante da sociedade organizada abaixo do domínio da indústria cultural.

MEMÓRIA COLETIVA, MEMÓRIA INDIVIDUAL E EDUCAÇÃO HISTÓRICA

Partimos da hipótese de que os praticantes de suça da comunidade remanescente de quilombo de Chapada da Natividade-TO expressam a me-

mória coletiva por meio de seus rituais e práticas. Para abordar sobre essa relação, recorreremos às leituras dos estudiosos na perspectiva sociológica de Maurice Halbwachs (1990) e de Michel Pollak (1992), assim como da escritora Beatriz Sarlo (2007).

Para o sociólogo e filósofo Maurice Halbwachs (1990), a memória coletiva é construída e sustentada pela interação social, sendo moldada por meio de representações coletivas compartilhadas por um grupo específico. Nesse sentido, entendemos que a comunidade quilombola de Chapada da Natividade-TO preserva sua memória coletiva por meio da prática da suça, desempenhando um papel central na manutenção da identidade cultural e histórica do grupo. Na leitura do sociólogo, as memórias se mantêm coletivas, pois são lembradas pelos indivíduos independentemente da presença física ou não dos sujeitos. A presença física do outro não são necessárias, uma vez que carregamos constantemente dentro de nós uma multiplicidade de pessoas. Sendo assim, “para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias” (Halbwachs, 1990, p. 27).

A afirmação de Halbwachs (1990) sobre a natureza coletiva das memórias e sua capacidade de serem lembradas por outros indivíduos – mesmo quando se referem a eventos pessoais e

experiências únicas – encontra um interessante paralelo na Dança da Suça na comunidade quilombola de Chapada da Natividade-TO. Assim como as memórias individuais são compartilhadas e lembradas pela comunidade, a Dança da Suça também desempenha um papel coletivo e envolve a participação de diferentes indivíduos. Embora cada praticante da Dança da Suça possa ter suas próprias experiências e percepções ao executar a dança, a expressão artística em si transcende o indivíduo e se torna parte integrante da identidade e cultura coletiva dos quilombolas.

Dessa forma, tanto as memórias individuais quanto a Dança da Suça exemplificam a maneira como experiências pessoais podem ser compartilhadas, mantidas e celebradas em um contexto coletivo, unindo as pessoas e preservando sua História e identidade. A memória coletiva, segundo Halbwachs (1990), abarca as memórias individuais, porém não se misturam com elas, pois se desenvolvem de acordo com suas próprias dinâmicas. Embora algumas lembranças individuais possam ocasionalmente se fundir às memórias coletivas, elas adquirem uma nova forma quando são inseridas em um contexto que transcende a consciência pessoal. Podemos concluir, inclusive, que a memória coletiva e as memórias individuais coexistem de maneira intrincada, porém distintas. A memória coletiva é um ente dinâmico e evolutivo, guiado por suas próprias leis e influenciado pelas experiências

compartilhadas de uma comunidade. Assim, a memória coletiva é uma poderosa força que preserva a história e a identidade de um grupo, transcendendo as experiências individuais e conectando as pessoas em uma narrativa compartilhada.

Na leitura de Rios (2013), Michael Pollak (1992) retoma e problematiza a perspectiva de Halbwachs, apontando para o caráter negociado da memória, destacando que a rememoração não é um processo unidirecional, mas sim influenciado por fatores individuais e sociais. Nesse sentido, Pollak (1992) enfatiza a importância da agência individual na formação da evocação, ressaltando que certos eventos traumáticos podem ser silenciados ou esquecidos na memória coletiva. No contexto da Dança da Suça, a memória individual pode desempenhar um papel significativo ao permitir que as pessoas expressem suas experiências pessoais e contribuam para a construção da memória coletiva. Confirmando esse atributo da memória, vamos perceber como Pollak (1992) enfatiza os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva. De acordo com o autor, ambas sofrem variações de acordo com os acontecimentos vividos, pessoalmente ou em grupo, por personagens terceiros e ou lugares comuns partilhados. Tal constatação nos auxilia na compreensão das nuances da memória entre os diferentes participantes da suça, a depender da intensidade do envolvimento e compreensão.

Ao pontuar a contribuição da literata argentina Beatriz Sarlo (2007), Rios (2013) ressalta os limites da subjetividade como fonte de conhecimento e o caráter discursivo da constituição da memória. Rios (2013) argumenta que a lembrança é influenciada por discursos e narrativas que circulam a sociedade, da forma como os eventos são lembrados e interpretados. No contexto da Dança da Suça, a reminiscência é construída e compartilhada por meio de práticas culturais que refletem discursos e significados específicos atribuídos à memória coletiva. Portanto, a relação entre memória coletiva e memória individual não é uma dicotomia absoluta. De acordo com essas perspectivas teóricas, estrutura e prática se entrelaçam no processo de construção das recordações.

Partindo da perspectiva desses três autores, entendemos que a Dança da Suça, na comunidade quilombola de Chapada da Natividade-TO, é um exemplo em que a memória coletiva e a memória individual interconectam, sendo influenciadas por interações sociais, experiências individuais, negociações e discursos culturais.

Para entender como a prática da suça contribui para a formação educacional e os laços que fortalecem a memórias dos mais jovens, destacamos a importância do Ensino da História. Consideramos que a capacidade dos alunos de compreender o passado, o estudo de práticas culturais antigas, a exploração de fontes históricas e o uso de

técnicas de investigação em suas comunidades podem cumprir um papel decisivo no empoderamento cultural. Nessa perspectiva, salienta-se a Educação Histórica como espaço constitutivo de diferentes interpretações críticas e leituras, possibilitando o desenvolvimento da análise, da interpretação e da contextualização sobre eventos e fatos na comunidade ou em outros lugares e povos.

Para além das capacidades que a educação e o Ensino de História mobilizam na formação social e crítica dos educandos, Cerri (2011) chama a atenção para um jogo de saber-poder acionado. Para o autor, professores de História produzem e participam da constituição das identidades. Numa leitura grosso modo, a ênfase ou não a determinados assuntos influenciam de certa forma a predominância de algumas leituras ou sua nulidade. Nesse aspecto, ao recorrer à ancestralidade da suça e sua incorporação no currículo escolar, sua prática passa a ser lida, reconhecida, como uma expressão artística entrelaçada com elementos históricos e identitários das comunidades quilombolas do Tocantins como, por exemplo, no município de Chapada da Natividade-TO. Atividades práticas, enraizadas nas estratégias pedagógicas, podem ser concebidas para aprofundar a origem, os movimentos e o significado da dança para seus praticantes.

Por esse ângulo de leitura, podemos compreender o valor da Dança da Suça como um recurso enriquecedor para o ensino, uma vez que

permite envolver os alunos nessa prática cultural e à ativação das memórias. Tal exercício permite que os alunos quilombolas estabeleçam vínculos com sua herança e individualidade, aprimorando sua capacidade de se comunicarem por meio de movimentos corporais e promover interações sociais positivas. Ao inserir as práticas culturais como atividades curriculares, a escola contribui na formação de uma memória coletiva local e identitária (Bittencourt, 2011).

No contexto da Educação Quilombola, determinadas estratégias educacionais também podem ser usadas para abordar outros aspectos da cultura nas comunidades quilombolas, como culinária tradicional, música, crenças religiosas e tradições orais. Ao fornecer exemplos e estudos de caso relacionados a essas expressões culturais, pode-se promover uma Educação mais inclusiva e contextualizada que valorize a cultura e a identidade dos alunos da comunidade. De acordo com essa leitura, a concepção do desenvolvimento da Educação, como processo humanizador e dialógico, pode oferecer estratégias educativas que vão além do aprendizado teórico, pois possibilitam a vivência e a valorização de práticas culturais. Essa abordagem pragmática e contextual promove o orgulho, o empoderamento e a conscientização da cultura quilombola, ao mesmo tempo que fortalece a identidade do aluno e promove a participação ativa no processo de aprendizagem.

Outro caminho que leva ao empoderamento é a interconexão entre Ensino de História e a educação patrimonial. Vale lembrar que o termo patrimônio cultural⁷ significa bens materiais e imateriais de valor cultural. Esses podem ser monumentos, edifícios históricos, artefatos, tradições, costumes, práticas culturais e muito mais. Estudar o patrimônio cultural permite compreender a identidade e o desenvolvimento de um povo e as influências culturais que moldam a sua memória. Segundo Chauí (2006), o direito à memória e ao patrimônio cultural são elementos importantes para a plena realização da cidadania. E nesse sentido, o direito de rememorar refere-se ao reconhecimento e valorização da história, cultura e tradições de um determinado povo ou comunidade. De modo geral, é o direito de poder preservar e compartilhar o conhecimento e a experiência acumulada ao longo do tempo.

Segundo Chauí (2006), a consciência dos direitos, o acesso à memória e o respeito ao patrimônio cultural são as bases para uma cidadania plena. Garantir que as pessoas tenham a oportunidade de conhecer e participar ativamente de sua própria cultura, preservando a memória coletiva, promove a conscientização histórica, fortalece a identidade cultural e promove a inclusão social. Esses direitos são considerados essenciais para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária. Nesse contexto, organizações

culturais, comunitárias e da sociedade civil também buscam uma participação igualitária (Chauí, 2006).

Tanto a Constituição Federal (Brasil, 1088) quanto a Lei de Políticas e Infraestrutura enfatizam a importância dos vínculos com a educação tradicional, a cultura, a escolarização e a cidadania. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) estabelece políticas e diretrizes para que a educação patrimonial seja abordada nas escolas, principalmente na área de História. A BNCC reconhece a importância de desenvolver nos alunos a capacidade de identificar e apreciar o patrimônio histórico e cultural existente em sua comunidade e no país. A inclusão da educação patrimonial na BNCC ressalta a necessidade de proporcionar aos estudantes a compreensão do valor e significado desses patrimônios, bem como promover uma consciência crítica sobre sua preservação e valorização. Dessa forma, os alunos são incentivados a se envolverem ativamente na proteção e promoção do patrimônio histórico e artístico, contribuindo para a preservação da identidade cultural e o fortalecimento da cidadania.

Ao partir do pressuposto que a construção do conhecimento histórico pode ocorrer dentro e fora da escola, Marques (2021) defende que em ambos os casos são várias as opções de diálogo com o patrimônio, educação e cultura e patrimônio. Para o autor, a educação patrimonial é um

processo contínuo e organizado de trabalho educativo que privilegia o patrimônio cultural como fonte original de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Por meio da vivência direta das evidências, das expressões culturais e das suas diversas interpretações, a educação patrimonial procura envolver crianças e adultos no processo ativo de aquisição e valorização do seu patrimônio cultural.

O relevante conhecimento e conscientização das comunidades sobre sua própria cultura são essenciais para a conservação sustentável desses bens culturais. Esse princípio também se aplica ao ensino da Dança da Suça e a Educação Quilombola. No caso da Dança da Suça, expressão cultural tradicional de uma determinada comunidade, o conhecimento vital de sua origem, significado e prática é fundamental para sua preservação. Quando os membros da comunidade se apropriam conscientemente de sua própria cultura, eles fortalecem sua relação com a dança suça, reconhecendo-a como parte integrante de sua identidade cultural. Esse sentimento de pertencimento e valorização contribui para a continuidade e sustentabilidade da prática.

Da mesma forma, na Educação Quilombola, o conhecimento crítico e a apropriação consciente da cultura quilombola são aspectos importantes. Divulgar a história, as tradições, os saberes e as práticas culturais das comunidades quilombolas

fortalece o sentimento de pertencimento e desenvolve a consciência étnico-racial. Ao reconhecer e apropriar-se de sua própria cultura, as comunidades quilombolas fortalecem sua identidade, promovem a preservação de suas tradições e fortalecem os laços cívicos. Assim, tanto no contexto da Dança da Suça quanto na Educação Quilombola, o conhecimento crítico, a posse consciente e o aumento do sentimento de pertencimento e cidadania são aspectos integrais da preservação sustentável do patrimônio cultural e do enriquecimento das comunidades envolvidas. A memória coletiva tem um papel importante na construção da identidade cultural e no fortalecimento dos laços sociais, a qual pode ser fortalecida pela Educação Histórica e a Educação Patrimonial. Ancorados nesta premissa, apresentaremos experiências de educação patrimonial envolvendo a Dança da Suça no município Chapada da Natividade-TO.

Desde que quando chegou no município de Chapada da Natividade-TO, em 2001, a Professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes e iniciou a docência no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, a Dança da Suça estava presente apenas no evento da Consciência Negra. Essa manifestação cultural secular – no início do século XXI – também era presenciada durante os festejos do Divino Espírito Santo, da padroeira Sant’Ana e Santo Reis e sobre tudo durante os pousos das folias⁸. Vale registrar que nesses anos, o grupo de suça da Escola

Estadual Dr. Abner Pacini da cidade de Almas, Tocantins, apresentou-se no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes, localizada no mesmo município. Notadamente percebe-se como essa expressão popular é resiliente nessa localidade, e que há uma preocupação em educar os alunos para o fortalecimento da identidade cultural, preservação e valorização das raízes afro-brasileiras.

A partir do reconhecimento pela Fundação Palmares da zona urbana de Chapada da Natividade, como comunidade remanescente de quilombo, surgiu a ideia no ano de 2015, de criar um grupo de suça no Colégio Estadual Fulgêncio Nunes. Juntamente com a equipe diretiva, foi decidido colocar o nome de uma funcionária da instituição escolar – carinhosamente conhecida por todos como Zezinha – que tinha falecido, e, que era pertencente a comunidade, iniciando assim, o Grupo de Suça Tia Zezinha.

A formação o grupo de suça foi realizado através de visita em cada sala de aula dos turnos matutino e vespertino, fazendo o convite aos discentes, que posteriormente foram observados as habilidades e interesse com a dança, momento que ocorreu em três semanas, culminado com a definição dos componentes do Grupo Tia Zezinha. Dessa forma, iniciou-se os ensaios semanalmente, após as aulas do período vespertino. Os ensaios ocorriam na escola, como também na residência da Professora Roberta Tavares de Albuquerque

Menezes. É importante destacar o apoio de pessoas da comunidade que repassaram seus saberes da Dança da Suça para os alunos, como Dona Santana, o folião Poscidônio, Professora Justina e o Mestre Patricinho. Esse último, sendo assíduo aos ensaios e eventos do grupo de suça Tia Zezinha do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes.

Figura 05 – Grupo de suça Tia Zezinha, do Colégio Estadual Fulgêncio Nunes – Quilombo Chapada da Natividade, no evento da Vara da Justiça do Trabalho em Dianópolis



Fonte: Acervo pessoal da Professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes (2018)

O grupo Tia Zezinha participou em eventos na cidade de Porto Nacional-TO, Natividade-TO, Dianópolis-TO, em universidades federais, órgãos municipais, em eventos da Justiça do Trabalho e, em escolas das redes municipal e estadual do Tocantins. Em 2017, quando foi implementado o currículo voltado para a Educação Quilombola no Colégio Fulgêncio Nunes foram ofertadas duas disciplinas – Cultura Quilombola e Saberes e Fazeres Quilombola – foi observado a importância de dar visibilidade as tradições culturais quilombolas de Chapada da Natividade e do trabalho desenvolvido nessas disciplinas por meio das redes sociais⁹. Na página do FaceBook do grupo o visitante, pode conhecer um pouco do trabalho desenvolvido como docente e das tradições culturais, como a dança da suça no quilombo de Chapada da Natividade.

A vivência e experiência da Professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes como coordenadora do Grupo de Suça Tia Zezinha entre os anos 2015 a 2018 consolidou um coletivo de cerca de 15 alunos, todos com trabalho voluntário, sem remuneração e também sem apoio da Secretaria Estadual de Educação do Tocantins (SEDUC). Os instrumentos, os vestuários para a atividade da Dança da Suça foi

adquirido através de elaboração de projeto para a Vara do Trabalho em Dianópolis, no qual o grupo foi contemplado. Foram quase 18 anos de vivência e experiências junto às tradições culturais da comunidade quilombola de Chapada da Natividade -TO.

Em 2019, a Professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes foi transferida para a cidade de Dianópolis-TO, onde deu continuidade ao Projeto Suça em Movimento. Nesse ano, os pertencentes do projeto foram convidados para ministrar oficina de suça. Os três filhos da Professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes – José Roberto, Marcos Daniel e Izabel – que participaram do grupo de suça Tia Benvinda na cidade de Natividade-TO, eram quem repassava os saberes da suça na prática. Assim, iniciaram oficinas em escolas municipais e estaduais, apresentação de suça na

formação de professores da rede municipal de Dianópolis-TO.

Durante a pandemia (2020), os ex-alunos do Grupo de Suça Tia Zezinha entraram com a Professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes pedindo orientação sobre a suça, pois, o grupo da escola não estava mais ativo. Então conversamos e ficou decidido a criação de um grupo de suça fora da escola. Os estudantes solicitaram para ter um adulto responsável para apoiar o novo grupo de suça. Foi quando a Professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes entrou em contato com a presidente da Associação Quilombola visão de Águia de Chapada da Natividade-TO. Dessa forma foi escolhido o nome do grupo, denominado Grupo Mestre Patricinho, coletivo da comunidade quilombola de Chapada da Natividade.

Figura 06 – Apresentação do Grupo Cultural Suça das Dianas no evento da APAE - Dianópolis



Fonte: Acervo pessoal da Professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes (2023)

Voltando a Dianópolis-TO após a pandemia, no ano de 2022, continuando o Projeto Suça em Movimento, iniciamos visitas nas escolas e convidamos os estudantes para participar do nosso grupo. Atualmente são 17 componentes entre crianças, adolescentes e jovens. Esse coletivo atende estudantes da rede municipal e estadual, sendo um grupo voluntário, independente e sem fins lucrativos. O grupo foi denominado Suça das Dianas, por fazer referência a Terra das Dianas como também é conhecida a cidade de Dianópolis-TO, assim relacionando o coletivo ao lugar a que pertence.

O Grupo Cultural Suça das Dianas está em atividade na cidade Dianópolis (TO). Os ensaios acontecem quinzenalmente na residência da Professora Roberta Tavares de Albuquerque Menezes. O repasse dos saberes de suça é transmitido coletivamente. É importante destacar que antes desse projeto chegar em Dianópolis-TO, essa manifestação cultural não era conhecida pela grande maioria da população. Os membros do Grupo de Suça, relatam que anteriormente não tinham aulas na escola sobre esse tema e que foi a partir do Projeto Suça em Movimento que teve conhecimento dessa expressão popular na cidade. O objetivo do Grupo Cultural Suça das Dianas é a preservação e valorização desse patrimônio histórico, dando visibilidade através das mídias sociais¹⁰, das apresentações em eventos, contribuindo para o combate ao racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo investigou o papel da formação escolar e seus fundamentos no desenvolvimento humano, enfatizando a relação da prática da Dança da Suça com a Educação Quilombola. Dentre os temas discutidos, mencionou-se sobre o racismo estrutural, fortemente presente no meio social, debatido por Silvio Almeida (2019), cujas reflexões deram subsídios para compreender os desafios da sociedade na construção de uma educação livre de preconceitos e de respeito às diferenças. Nesse sentido, o ensino tem papel fundamental no combate ao racismo, pois promove a conscientização, valoriza a diversidade e promove a igualdade de oportunidades. A Educação como emancipação, fundamentada em Theodo Adorno e abordadas pelos pesquisadores Gradiski (2010) e Zambel e Lastória (2016) nos ofereceu subsídios para entender a Educação capacitação de indivíduos críticos e reflexivos, capazes de questionar as estruturas sociais e buscar a mudança por meio do conhecimento.

A importância da memória coletiva na formação da identidade e no fortalecimento da comunidade foi discutida a partir da perspectiva do sociólogo e filósofo Maurice Halbwachs (1990) e das experiências dos praticantes da Dança da Suça no quilombo de Chapada da Natividade. Essas reflexões mostraram como a educação pode atuar

na preservação da memória histórica, valorizando as tradições culturais e salvando o patrimônio ancestral.

Demonstramos, inclusive, que a Educação é um tesouro a ser descoberto e valorizado, capaz de mudar vidas e construir um futuro mais promissor para toda a humanidade. Reconhecendo e valorizando expressões culturais como a Dança da Suça em relação à Educação Quilombola, fortalecendo a diversidade, promovendo a inclusão e capacitando as comunidades a serem agentes ativos na criação de uma sociedade mais justa, igualitária e enriquecedora para todos. Por fim, foram discutidas as contribuições da Educação Histórica e da Educação Patrimonial, levando em consideração apontamentos dos pesquisadores Horta (1999), Chauí (2006), Bittencourt (2008), Cerri (2011) e Marques (2021) e a referência ao documento da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Essas abordagens reforçaram a importância de uma compreensão crítica da história e da valorização do patrimônio cultural para fortalecer a identidade nacional e construir uma sociedade mais consciente de suas raízes e responsabilidades.

Com base nessas considerações, consideramos que a educação tem papel central no desenvolvimento humano, combatendo o racismo estrutural e construindo uma sociedade de justiça e igualdade. Os pressupostos apresentados por Edgar Morin, UNESCO e os outros especialistas men-

cionados, entendem que a educação é um tesouro a ser descoberto e valorizado, capaz de transformar pessoas e moldar um futuro promissor para toda a humanidade.

Além disso, destacamos que o vínculo entre a Dança da Suça e a Educação Quilombola reforça a importância da valorização das expressões culturais e dos saberes tradicionais como alicerces importantes para o desenvolvimento do indivíduo. Passada de geração em geração, a Dança da Suça carrega a memória coletiva e a identidade do povo, representando uma espécie de resistência e resgate das raízes ancestrais. Por meio de um ensino quilombola que reconheça e valorize essas manifestações culturais, é possível dar às comunidades quilombolas acesso a informações sobre sua própria história e fortalecer sua autoestima e consciência de sua identidade. Nesse sentido, a Dança da Suça torna-se uma ferramenta pedagógica que promove a comunicação, o diálogo intergeracional e a valorização dos saberes locais, o que contribui para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ANDES, E. do. **Suçã e Tambor**: Cultura popular e identidade na construção histórica do Tocantins. 2008. XX fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História Social). Universidade Federal do Tocantins, Curso de Especialização: História Social, Porto Nacional, 2008.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural. [Structural Racism]**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.
- ARAÚJO, W. A. de. **Os Ritmos Tradicionais nos Tambores do Tocantins**: Constituições Identitárias e Processos Culturais. Serviço Público Federal Universidade Federal de Goiás Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cidadania e Cultura, Goiânia 2013.
- BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga**: povo da Terra. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- BITTENCOURT, C. F. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 4.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. PARECER CNE/CEB Nº: 16/2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11091-pceb016-12&category_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 21 jul. 2024.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular-Educação é a Base**. Produção Editorial: Fundação Carlos Alberto Vanzolini Gestão de Tecnologias em Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acessado em: 30 jul. 2024.
- BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acessado em: 30 jul. 2024.
- CERRI, L. F. **Ensino de História e consciência histórica**. Rio de Janeiro, FGV: 2011.
- CHAUÍ, M. **Cidadania cultural**: o direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

- COOPER, H. O pensamento histórico das crianças. In: BARCA, I. (Org.). **Para uma educação histórica de qualidade**. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Universidade do Minho, 2004. p. 55-76.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.
- DIAS, Lázaro César; FERREIRA, Laís Stefani; FREITAS, Samilly Loures de. Sincretismo religioso e turismo cultural: a celebração do Reinado em Ouro Preto (MG) no contexto da pandemia da Covid-19. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 10, n. 1, p. 140-161, jan./abr. 2022.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HORTA, M. de L. P. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.
- MARQUES, J. P. Educação patrimonial e ensino da história local na educação básica. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed.; São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- ROSA, E. M. **A Suça em Natividade: festa, batuque e ancestralidade**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar Em Performances Culturais (EMAC)). Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, 2015.
- SANTOS, M. de J. P. dos. **Os Desafios da Atuação Docente na Comunidade Quilombola de Chapada da Natividade – TO: Colégio Fulgêncio Nunes (2012 -2019)**. UFT, (Dissertação) Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional das Populações Amazônicas, UFT, Porto Nacional – TO, 2022.
- SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006.
- ZAMBEL, L.; LASTÓRIA, L. A. N. Educação e Emancipação em T. W. Adorno: Contribuições para a Formação de Professores. RIAEE – **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. 4, p. 2205-2218, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8794/6054>. Acesso em: 30 jul. 2024.

NOTAS

¹Foram encontradas diferentes grafias para o vocábulo *suça*, como *súcia*, *sússia*, *súscia*, *sussa*. Neste trabalho será utilizada a grafia *Suça*, assim como a Fundação Cultural do Tocantins (2012) e a Associação Cultural Comunitária Visão de Águia de Chapada da Natividade (2006), pois é a que mais se assemelha com a pronúncia e a escrita na região de Chapada da Natividade, Tocantins.

²A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica visa, entre outras questões, organizar “precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva; b) das línguas remanescentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade” (Brasil, 2012, p. 59).

³As festividades do Reinado são muito complexas, pois abrange as guardas, os ternos e contempla vários rituais de devoção e festa, misturando-se a *congada* que, além de se referir à festa, também dá nome às guardas do Congo. Em Minas Gerais, diversas localidades mantêm a tradição das festas

de *reinado* e *congada* (ou *congado*), com suas diferentes variações sendo explicadas, sobretudo, pela diversidade de irmandades negras existentes e suas divisões por grupos de procedência das regiões da África no passado colonial (Martins, 1988, p. 15). INSERIR MARTINS NAS REFERÊNCIAS.

⁴Nome dado aos sujeitos que participam da Dança da *Suça*.

⁵Rosa (2015, p. 47), explica que “na *suça* tanto no estado de Goiás como no Tocantins [...] ocorre um processo de recomposição da ancestralidade em busca de identidade a partir de uma tradição considerada herança das relações ‘friccionais’ da realidade colonial”. Para a autora, a ancestralidade é um conceito muito valorizado na cultura afro-brasileira, tanto nas tradições de matriz banto quanto *nagô*. Essa conexão é manifestada não apenas no som dos tambores, mas também nos corpos que se movem ao ritmo da música.

⁶Aprender a conhecer é uma das quatro aprendizagens fundamentais propostas pela UNESCO (2003) em seu relatório *Educação: um tesouro a descobrir*. De acordo com o relatório, aprender para conhecer supõe, antes de tudo, “aprender a aprender”, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Essa aprendizagem diz respeito ao desenvolvimento de habilidades de aprendizagem ao

longo da vida, que incluem aprender a aprender, pensar criticamente e resolver problemas.

⁷Segundo Marques (2021), é importante ressaltar que o termo patrimônio cultural abrange um escopo mais amplo do que apenas o patrimônio histórico, pois inclui também o patrimônio ecológico da região. Uma das fontes de referência para esse conceito de patrimônio cultural é um documento elaborado durante a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, realizada em Paris em 1972 e promovida pela UNESCO (CONVENÇÃO, 1972). Ele afirma que o conceito de patrimônio cultural se expandiu para além dos aspectos físicos. Passou também a abranger saberes populares, línguas, festas, religião, culinária, danças, transmitidas oralmente ou através de gestos. Gradualmente o conceito de patrimônio cultural tornou-se mais complexo e interdisciplinar.

⁸A pesquisadora Noeci Carvalho Messias INCLUIR NAS REFERÊNCIAS., em seu artigo: Folia do Divino Espírito Santo: fé e devoção em Monte do Carmo – TO, diz que Câmara Cascudo INCLUIR NAS REFERÊNCIAS. (1988, p. 335) destaca que a folia consiste em grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos o ciclo do Divino Espírito Santo, festejando-lhe a véspera e participando do dia votivo. Livro: Religiosidades no Tocantins, volume 1, p. 61-62.

⁹Como resultado, foi criada a página no facebook, intitulada Nosso Quilombo, Nossa Cultura <https://www.facebook.com/NossoQuilombonossaCultura?mibextid=ZbWKwL>.

¹⁰Estamos no Instagram: @grupoculturalsucadasdianas; no TikTok: @roberta49_551; no youtube: Grupo Cultural Suça das Dianas.